



A Gastronomia na Literatura: Lugar de Memória, Sedução e Poder

Gastronomy in Literature: a Place of Memory, Seduction and Power

Josilene Pinheiro-Mariz¹

Maria Angélica de Oliveira²

Resumo: Pretendemos, neste trabalho, apresentar uma leitura discursiva dos romances: *Dona Flor e seus dois maridos*, do escritor baiano Jorge Amado e *Comment cuisiner son mari à l'africaine*, da escritora camaronesa Calixte Beyala, a fim de evidenciar o diálogo constitutivo entre a nossa literatura e a de Camarões, revelando, igualmente, que esse diálogo nos apresenta o tema da gastronomia como lugar de memória, sedução e poder.

Palavras-chave: literatura camaronesa; literatura brasileira; gastronomia, memória, sedução.

Abstract: In this study we intend to show the discursive reading of the novels: *Dona Flor and her two husbands*, written by Jorge Amado and *How to cook your husband the African way*, written by the Cameroonian writer Calixte Beyala, with the aim of showing the existing dialogue between our literature and the one produced in Cameroon, and at the same time reveal that the dialogue presents to us the gastronomy theme as a place of memory, seduction and power.

Key-words: Cameroonian literature; Brazilian literature; gastronomy, memory, seduction.

INTRODUÇÃO

La nourriture est synonyme de vie. Elle est peut-être l'unique source de paix et de réconciliation entre les hommes !
(BEYALA, *Comment cuisiner son mari à l'africaine*, 2000, p.138)

Foucault (2001, p. 48) defende que “quando a linguagem tem o poder de fazer em si mesma sua própria imagem em um jogo de espelhos que não tem limites, permite falar de si mesma ao infinito, ela é também literatura”. Espaço aberto no seio da linguagem. Seu verso e seu anverso. Assim, o lugar

¹ Doutora em Letras (USP), professora de língua francesa e suas literaturas, na graduação em Letras- Francês/Português, da Universidade Federal de Campina Grande e na pós-graduação em Linguagem e Ensino na mesma instituição.

²Doutora em Linguística (UFPB), professora de língua portuguesa na graduação em Letras-Português, da Universidade Federal de Campina Grande e na pós-graduação em Linguagem e Ensino na mesma instituição, atuando também na pós-graduação (PPGL), da Universidade Federal da Paraíba.

da gastronomia no seio dessa linguagem ao infinito sempre incitou leituras, discussões e sabores. Acreditamos que o tema da gastronomia torna-se instigante devido à essencialidade do alimento à vida. Provavelmente, por essa razão, esse tema percorra gerações, sendo cultivado na literatura em muitos países, em toda a história. Em qualquer lugar, a comida é, por vezes, cultuada por seu cheiro e sabor e, por essa razão, tem se tornado um dos temas favoritos tanto na literatura, quanto em outras artes.

A alimentação, embora seja uma prática não discursiva, em geral, é vista como uma ferramenta metafórica através da qual o sujeito escritor discursiviza as relações sociais do contexto sócio-histórico-ideológico. Comumente, funciona como instrumento de sedução de personagens, denunciando as relações de poder entre os sujeitos mulher e homem. É possível observar essas relações em duas importantes obras que têm o selo da sedução como título: *Dona Flor e seus dois maridos* (1966 / 2008), do brasileiro Jorge Amado e *Comment cuisiner son mari à l'africaine* (2000), da camaronesa Calixte Beyala como dois exemplos fortes e que institui a gastronomia como um elemento cultural a reunir esses dois países aparentemente tão distantes.

Para este estudo, propomos um diálogo pelas mãos das duas protagonistas dos romances: Dona Flor e Aïssatou. Serão elas que irão nos levar a perceber os laços interculturais e a identificação do sujeito mulher como sujeito que historicamente tem a cozinha como lugar. Esses romances, através de sua discursividade, demarcam os espaços ocupados pelos sujeitos mulher e homem, em que à mulher é destinado o lugar da cozinha, da sedução e da fragilidade; e, ao homem, o lugar da cama, da virilidade, do seduzido.

Para esta leitura, enfatizaremos, em primeiro lugar, a presença do tema gastronomia, ressaltando-o como lugar de memória no discurso literário. Em seguida, verificaremos esse tema na literatura brasileira e, também, na literatura camaronesa, tendo como finalidade comparar esse tema, identificando-o como principal elemento que aproxima os dois romances. Seguindo essa perspectiva, enfocaremos as relações interculturais e

discursivas entre o nosso país e a região da África Subsaariana³. Esses diálogos intercontinentais são discutidos nos romances, mostrando que a literatura, como linguagem ao infinito, retrata e refrata as relações interculturais. Entre esses aspectos comparativos, identificaremos os sujeitos femininos: Dona Flor, como a sedutora "bem comportada" e *mademoiselle* Aïssatou, como a sedutora "feiticeira", a fim de analisar sua construção identitária de sujeito da cozinha e da sedução.

1. A literatura à mesa: lugar de memória

A gastronomia tem alimentado as páginas da literatura universal, porque historicamente as comemorações das conquistas humanas, como as guerras, sempre foram regadas a excelentes refeições oferecidas por reis e imperadores para seus hóspedes. Desde a Idade Média, é possível se ler a busca permanente pelo alimento para manter o sustento; isso é o que encontramos em um dos clássicos da tradição oral da literatura Medieval: *Le Roman de Renart*, quando os pobres frangos, personagens das narrativas, sofrem tantas investidas da raposa, animal que, para atingir seus objetivos, tenta constantemente ações inescrupulosas para se nutrir.

Na literatura hebraica, encontra-se o famoso prato servido por Herodes à sua enteada, em uma das muitas festas oferecidas pelo tetrarca. Depois da dança sedutora, a promessa foi cumprida com a cabeça de João Batista sobre um prato, como um instrumento necessário para continuar a nutrir a maldade, o ódio e a infidelidade de Hérodias. Essa narrativa bíblica nos faz refletir sobre o ato de comer e/ou de se alimentar como um imperativo, porque se observarmos que Hérodias não quis apenas a cabeça do profeta, mas, a quis em um prato, tal atitude pode ser sentida como uma vitória, para o deleite dessa invejosa personagem. Essa história hebraica é tão forte que tem sido fonte de inspiração para muitos escritores, incluindo G. Flaubert e sua Hérodias, nos *Três Contos* (1877) ou S. Mallarmé em seu poema *Hérodias* (1887), ou até mesmo *Salomé* (1891), a famosa peça teatral irlandês todo O. Wilde. Nessa perspectiva, defendemos que a gastronomia é um lugar de

³ Elegemos em nosso trabalho o termo "África Subsaariana" no lugar de "África Negra" tendo

memória, de sedução e de poder que denuncia as relações humanas, em nosso caso, as relações de gênero.

1.1 A mesa na literatura brasileira

Na literatura brasileira, esse tema é visto desde os primórdios do nosso país, como no registro de nascimento do Brasil, a carta de Pero Vaz de Caminha para El-Rei de Portugal, em 1500. Escrita logo após a "descoberta" da nossa terra, o Secretário da esquadra de Pedro Álvares Cabral descreve um solo muito rico de uma variedade inesgotável de fauna e flora. As cores e odores de nossa terra constituíram-se em uma valiosa fonte de inspiração para Caminha, conforme se lê neste trecho da carta: "...derradeiro de abril, comemos logo, quase pela manhã. [...] Os hóspedes sentaram-no cada um em sua cadeira. E de tudo quanto lhes deram, comeram mui bem, especialmente lacão cozido frio, e arroz" [...] (CAMINHA, 1500).

Essa carta é um dos documentos, comprobatórios que desde sempre, o Brasil tem uma significativa diversidade natural. Essa mesma representação permanece nos quadros do pintor francês Jean-Baptiste Debret, primeiro artista a ilustrar imagens do cotidiano brasileiro. Ao longo da história da literatura, o prazer de comer é visto em circunstâncias diversas, como no romantismo, com sua natureza exuberante ou ainda representada pela força do escravo "vindo" da África. A literatura brasileira romântica é preenchida com cenas relacionadas à mesa, seja de escravos nas cozinhas das casas-grandes, seja trabalhando nas lavouras para tornar o Brasil um dos maiores produtores, do mundo, da cana-de-açúcar.

No período modernista, é possível perceber, de modo semelhante, em escritores como José Américo de Almeida e José Lins do Rego, hábitos à mesa, mostrando a cultura da cana-de-açúcar. Assim, a gastronomia constituiu-se como lugar da memória discursiva, "que faz aí ressoar os ecos de uma memória coletiva, social" (INDURSKY, 2011, p. 87). Mas, é certo que poucos escritores brasileiros descreveram o cheiro e o gosto do Brasil com a mesma intensidade de Jorge Amado. Esse escritor expôs as histórias mais queridas do

em vista que esta denominação filia-se a um lugar demarcado pelo colonizador.

público em geral, tanto no Brasil, quanto no exterior. Ele demonstrou o cotidiano do povo baiano como um pintor de grande talento; um hábil exemplo desse estilo é o romance *Dona Flor e seus dois maridos*.

1.2A mesa na literatura camaronesa

A jovem literatura camaronesa é marcada por uma batalha incessante de liberdade e descolonização. Essas ideias são facilmente encontradas na obra de escritores camaroneses e, mais especialmente, em um dos maiores dos seus representantes: Mongo Beti. Para ele, a África, é marcada pelas tradições, mas centra-se nas as tensões sociais que afetam esse continente entre os colonizados e colonizadores, entre pessoas idosas e jovens, entre homem e mulher etc. Essa discussão em busca de uma nacionalidade na chamada África Subsaariana foi um dos grandes interesses das primeiras obras dessa literatura.

Ao contrário da literatura brasileira, a do Camarões, a exemplo das demais literaturas africanas e de diáspora, não foca no tema do alimento como componente abundante, apesar da enorme quantidade de campos de monoculturas como a da cana de açúcar, cacau e café. Na literatura camaronesa, mais tarde, descobre-se uma escritura que ainda procura liberdade; todavia, o tema da gastronomia continua não sendo tema recorrente dos escritores. Mas, embora haja uma quase total ausência dessa temática, o leitor pode encontrar nos *Chants d'ombre* (1945/1964), poemas senholienos, uma comparação entre o mundo branco e o negro, nos quais há laços de uma necessidade de igualdade da mesma forma como "o fermento é necessário para farinha branca".

Na década de 1970, Oyono-Mbia conta as aventuras ocorridas em uma pequena aldeia no sul de Camarões, em suas *Chroniques de Mvoutessi*. Nessas histórias, o leitor terá uma ideia de questões relacionadas às cores da cultura local; assim, o capítulo *Les sept fourchettes* nos apresenta uma imagem regional de hábitos à mesa. Isso é o que pode ser lido nas linhas seguintes.

-Ah ka, Mammi, dit Tita Mezôé ; on voit bien que tu n'as jamais mangé chez les grands hommes qui reviennent du pays des blancs. Veux-tu savoir comment ça se passe ?

-Dis-nous ! s'écria l'assistance

-Chacun reste à sa place, dit le chef, en mimant avec autant de liberté que lui en laissait le précieux plat posé sur les genoux. Il y avait plusieurs linges blancs devant moi, à droite et à gauche. J'avais bien compté, à côté de mon plat, sept fourchettes !

-Que dis-tu là ? s'exclama l'auditoire, presque incrédule

- Je di sept ! affirma Tita Mezôé, tandis qu'à défaut des sept fourchettes de la ville il se servait de ses dix doigts pour empoigner son morceau de viande, et les déchirer à belles dents... (OYONO-MBIA, 1972)

Em geral, os modos à mesa constituem-se em características peculiares; as aventuras dos personagens se afirmam como um tipo de porta aberta para essa cultura camaronesa de Mvoutessi, onde, entre outros métodos, é possível identificar as diferenças entre o branco e o negro; diferenças essas que refletem uma preocupação histórica e sempre atual de escritores da literatura africana. Nesse espaço, hoje, é possível encontrar também a escrita feminina; e, dentre as principais escritoras, encontramos o nome de Calixthe Beyal e seu romance *Comment cuisiner son mari à l'africaine*, que permitirá um diálogo com o romance brasileiro de Jorge Amado

O romance de Beyala sustenta desde o título, uma ligação entre a mulher (esposa) e a cozinha, o que pode ser, identicamente, notado no romance brasileiro. Beyala tornou-se, em nossos dias, uma fiel mensageira da escrita que seduz pelo estômago, uma vez que lendo as páginas desse romance, é clara a impressão de que suas receitas culinárias transcritas no final de cada capítulo são verdadeiros caminhos para a busca do amor. Em ambos romances, a gastronomia está associada à sedução, a conquista pelo alimento. Por conseguinte, consideramos necessário discutir, ainda que brevemente, os laços culturais que permitem se estabelecer um diálogo entre estes dois países separados pelo Atlântico.

2. Os laços e os diálogos interculturais: Brasil e Camarões

Identificar e discutir o relacionamento intercultural entre o Brasil e o Camarões não se configura em um trabalho difícil para um brasileiro ou para um camaronês. Essas percepções são ainda mais fortes se considerarmos a região Nordeste do Brasil e a África Subsaariana, onde o Camarões está localizado. No que concerne à Geografia, nos firmamos na assertiva de cientistas que afirmam que há muitos anos, a América e a África formavam um único bloco continental, algo que é visível no mapa proposto pela Universidade de Laval, Canadá (PANGÉE, 2011).

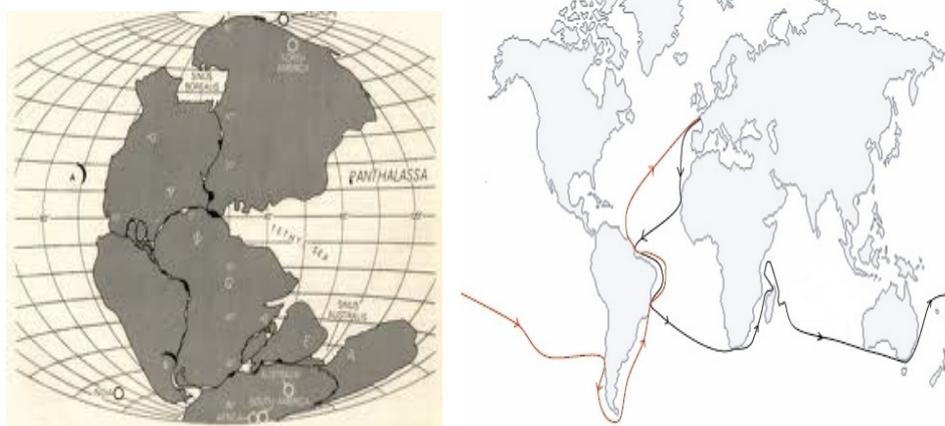


Imagem 1: Pangeia. Pangee ou la derive des continents :
www.ggl.ulaval.ca/.../bourques/s4/pangee.

Entretanto, muito embora as ilustrações sejam categóricas, as semelhanças não estão, meramente, no nível histórico ou geográfico. Considerando esses atributos é, certamente, possível observar aspectos que aproximam a cultura brasileira da africana, permitindo um diálogo intercultural harmoniosamente concreto. No que tange a esse diálogo, a presença da religião é muito significativa, em especial, nos estudos do sociólogo francês, Roger Bastide (1995), nos quais ele enfoca a religiosidade da Bahia, ressaltando que algumas características religiosas estão tão próximas da África que, por vezes, não é evidente se estamos em solo brasileiro ou do outro lado do oceano Atlântico. Faz-se necessário, desse modo, destacar que são as nossas origens que estabelecem as origens extraordinárias do comportamento

social de cada país, construindo-se o comportamento social de um povo, como meio de incitar a interação entre duas culturas distintas.

É, certamente, nas páginas do Romantismo brasileiro que identificamos as maiores semelhanças entre a literatura brasileira e do continente africano, uma vez que a batalha pela igualdade entre negro e o branco é visível. Nos versos de Castro Alves, poeta nascido na Bahia no século XIX, há uma literatura pensada na harmonia entre homens, acentuando, significativamente, o sofrimento do poeta, que representa um tipo de porta-voz da situação de escravidão africana:

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?
Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes

Hoje em meu sangue a América se nutre
Condor que transformara-se em abutre,
Ave da escravidão
(CASTRO ALVES, 1868)

Essa voz que procura a igualdade e o fim da condenação dos negros reverbera ainda hoje no Brasil e por essa razão é necessário dar um pouco mais de atenção a essa questão que preocupa a todos. Com o intuito de promover a reflexão sobre essa temática, no Brasil, a Lei Federal n. 10.639, de 9 de Janeiro de 2003 oferece o ensino da cultura africana a alunos com idade até 16 anos. Este ato tem como objetivo fundamental minimizar a grande diferença entre o ensino da cultura brasileira e da África. Por esse motivo, nós vemos os estudos sobre as relações interculturais como uma das possibilidades de se trabalhar o respeito mútuo, já que essas características são muito importantes em um ambiente de aula de língua, como um espaço para se estudar culturas.

Essas reflexões mostram que é adequado, em todos os sentidos, um diálogo que permitirá, sob o olhar dos estudos interculturais, a demolição de barreiras culturais, especialmente quando se trata de literaturas com temáticas vizinhas ou semelhantes. Portanto, isso é o que se percebe imediatamente na literatura de Calixthe Beyala, bem como na de Jorge Amado.

2.1 Sobre os laços intertextuais e interculturais

Introduzido no mundo ocidental por Julia Kristeva (1969) e Roland Barthes (1970), o conceito de intertexto funda-se nos estudos de Bakhtin, em dois de seus principais livros: *Poética de Dostoievski* e *A obra de François Rabelais e cultura popular na Idade Média e no Renascimento*; ambos traduzidos para o francês em 1970. Bakhtin vê o romance como um lugar adequado para o dialogismo, uma vez que os enunciados estão o tempo todo em relação uns com os outros. Nenhum enunciado vem ao mundo indiferente a enunciados outros, pois todo “enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal e não pode ser separado dos elos anteriores que o determinam, por fora e por dentro, e provocam nele reações-respostas imediatas e uma ressonância dialógica” (BAKHTIN, 1997, p. 320).

O dialogismo é *a ordem* do enunciado, sua natureza, sua regra, seu mandamento. Enquanto materialidade significante, o enunciado não se fecha em si mesmo, pois ele apenas se constituirá como enunciado nesse interminável diálogo entre enunciados outros, ditos alhures ou ainda não ditos. Enunciados futuros que poderão ser produzidos pelos enunciadores. Todo enunciado conclama um enunciador. Esse também é um vestígio de sua identidade. Tanto para Bakhtin quanto para Foucault (pensando na função enunciativa), para que um enunciado seja caracterizado como tal é indispensável que este seja produzido por um sujeito em uma dada posição social, determinado por dadas condições sócio-histórico-ideológicas. Na concepção bakhtiniana, apenas o Adão mítico poderia evitar a relação dialógica, relações de sentido entre os enunciados, pois ele seria o primeiro homem solitário a lançar ao mundo uma voz sem elo.

As relações dialógicas, na concepção bakhtiniana, não devem ser compreendidas, relacionadas apenas ao evento da interação face a face, mas como toda relação de sentido que se institui entre os enunciados. Portanto essas relações dialógicas deverão ter como referência o todo da interação verbal. A relação dialógica, afirma Bakhtin (1997b: 355), “tem uma amplitude maior que a fala dialógica numa acepção estrita. Mesmo entre produções verbais profundamente monológicas, observa-se uma relação dialógica”. Vale

salientar que essas relações tanto assinalam na direção das consonâncias quanto das dissonâncias, pois o processo dialógico em Bakhtin deve ser compreendido como uma arena de luta entre vozes sociais, em que atuam as forças centrípetas, e as forças centrífugas. Segundo Faraco (2003), as primeiras buscam impor uma dada centralização por sobre o plurilinguismo real, ao passo que as segundas procuram continuamente desfazer, desgastar estas tendências centralizadoras. Nesse sentido, para Bakhtin, o romance é plurívoco e, conseqüentemente, polifônico. É possível, no romance, o confronto das vozes discursivas e dos organismos de diferentes ideologias.

Já noção de intertextualidade, materialização das vozes constitutivas de qualquer enunciado, tem variantes. Existem diversos conceitos do termo, nos quais autores como Arrivé, Todorov, Riffaterre e Genette dão o seu ponto. Arrivé (1972) apresenta em sua obra *Les langages de Jarry*, um estudo semiótico de três textos: *César-Antechrist*, *Ubu Roi* e *Ubu Enchaîné*, nos quais ele afirma : « ...l'intertexte apparaît comme le lieu de manifestation du contenu de connotation, soit qu'il émerge brutalement au niveau de la dénotation [...] soit qu'il soit signalé par une transformation intervenant entre les deux textes » (ARRIVÉ, 1972, p. 38). Nesse ensaio, Arrivé vê um movimento de conotação e denotação como um método para lidar com a intertextualidade; em outras palavras, o intertexto literário é o lugar onde se exprime o conteúdo manifesto e a conotação do texto. E na nossa ótica, é também um lugar muito especial para trabalhar em uma perspectiva de diálogo de mão dupla.

Assim, diante das possibilidades teóricas para se discutir os diálogos entre as obras, fizemos a escolha pelo ponto de vista de Kristeva (1969) e também pela visão de Barthes (1970), quando afirmam de modo diferente, pensamentos equivalentes. Para ele, a intertextualidade opera como uma interação textual que permite considerar as diferentes sequências (ou códigos) de uma estrutura textual específica como transformadas das sequências a partir de outros textos; e, para Barthes (1970), o texto seria uma produtividade. Isso não significa dizer que seja o produto de um trabalho (que exige técnica de narração e de estilo). Assim, essas reflexões teóricas nos levam a uma leitura que reflete em uma espécie de coparticipação entre os dois romances, em

questão, o que se verifica quando se percebe, neles, o tema que é a gastronomia como um elemento cultural e revelador de identidades.

É com essa percepção que queremos « experimentar » esse diálogo intertextual e intercultural entre dois romances. No entanto, é importante destacar que a escolha pela perspectiva intercultural na literatura concentra-se na necessidade de se trabalhar, no que concerne aos estudos literários, em uma perspectiva da queda de barreiras, especialmente quando se trabalha a literatura no âmbito do ensino de línguas, pois com a palavra/língua contamos nossos mitos, nossas lendas, cantamos nossos poemas, dizemos nossas tragédias. Fazemos literatura, pois, segundo Foucault (2001, p. 158),

como qualquer fenômeno de fala, a literatura só é possível na medida em que essas falas são conformes às línguas, ao horizonte geral que constitui o código de uma língua dada. Portanto, qualquer literatura como ato de fala só é possível em relação à língua, em relação às estruturas do código.

3. A arte de seduzir pelo estômago.

Os dois romances têm um tema comum, conforme já citamos anteriormente, uma temática que reúne pessoas e celebração em torno da mesa, fazendo-se de modo mais eficaz uma combinação entre o amor e a mesa.

Voltando-nos aos títulos, é notável a presença do sujeito mulher nesse elemento paratextual. No caso de *Comment cuisiner son mari à l'africaine* (doravante *CCMA*), a existência da heroína é subjacente, uma vez que há a presença do substantivo marido, naturalmente, a mulher está presente, sem a qual não há um casal. Portanto, percebemos a mulher no centro da história e parece-nos que a mensagem é endereçada às esposas. No caso de *Dona Flor e seus maridos* (a partir de agora *DFDM*), podemos ver, de modo imediato, que a heroína está no cerne da história, já que é ela, a esposa; e, em um olhar mais atento à referida obra de Jorge Amado, essa obra será lida, de fato, como « uma história moral, história de amor », como costumam dizer os críticos especialistas na obra desse baiano.

Ambos os títulos apresentam esse lugar do sujeito homem na constituição do sujeito mulher representada pela conquista dos maridos. Como é possível enxergar a partir da leitura dos romances, essa conquista se dará através da gastronomia. A gastronomia, também, nos dois romances denuncia as relações conjugais, os lugares sociais desses sujeitos nessas relações: a mulher como sujeito sedutor, astuto e manipulador e o homem como sujeito seduzido, viril e manipulável. Essas relações apontam ainda sua inscrição numa formação do discurso machista, de forma cômica e irônica, desnudando valores ideológicos de nossa sociedade, uma sociedade na qual a mulher é geralmente vista como objeto sexual.

Em poucas linhas, o romance de Jorge Amado é uma história que se passa na cidade de Salvador, na Bahia e retrata a vida de Dona Flor, uma conhecida professora da arte culinária. O romance é dividido em cinco partes. A primeira descreve a morte Valdomiro, mais conhecido sob o pseudônimo de Vadinho. No momento de sua morte, ele está vestido de « baiana », pois é um domingo de Carnaval; e, além disso, revela as memórias de Flor sobre a infidelidade, a malícia e, igualmente, os felizes momentos vividos ao lado de seu marido. A segunda parte apresenta o luto de Flor que sofre com a ausência e as lembranças de seu grande amor, Vadinho e com as intensas investidas de sua mãe, que sempre odiou o genro, preferindo ter sua filha vestida de viúva; comportamento que ratifica o estereótipo do sujeito sogra. No terceiro momento da narrativa, Flor ainda triste e fechada para o amor, conhece o farmacêutico Teodoro Madureira, um homem honesto com quem ela contrai novo matrimônio. Em seguida, na quarta parte, na lua de mel, Flor percebe que Teodoro é bastante diferente de Vadinho em todos os sentidos, pois ele reúne tudo o que uma mulher desejaria em um marido: é inteligente, leal e muito culto. Assim, a jovem mulher vive em uma paz inexplicável.

No dia do aniversário de casamento, após os deliciosos quitutes de Dona Flor, Vadinho surge dos mortos, completamente sem roupa, para a sedutora Flor; mas, ela se recusa a aceitá-lo, pois, é fiel ao seu “bom” marido. No entanto, é essa intriga que faz de *DFDM*, um dos mais lidos em todo o mundo, uma vez que retrata a luta de Flor contra o sentimento erótico, que ela

ainda nutre por Vadinho *versus* a fidelidade a Teodoro. Assim, identificamos constantemente a presença mística da Bahia, conhecida como a Bahia de Todos os Santos, ao longo restante da narrativa, pois as idas e voltas de Vadinho, o falecido, bem como o duplo sentimento de Flor, que vive com dois maridos, confirmam este misticismo. Poderíamos afirmar que há nesse triângulo amoroso a denúncia do lugar da mulher como aquela que trai, que é dissimulada e não digna de confiança. Por certo, esse estereótipo da mulher como enganadora está na ordem do memorável (INDURSKY, 2011), pois tal estereótipo data do texto bíblico, quando Eva seduz e engana Adão.

Não se sentindo feliz com essa situação, Dona Flor como uma mulher "bem comportada" procura na religião, o candomblé, a solução para o seu problema. Dessa forma, nessas páginas, o narrador descreve a intensa batalha da personagem, uma vez que Vadinho era, quando vivo, protegido por Exu, forte deus do candomblé. E é nesse momento da narrativa que se compreende melhor o que foi descrito por Bastide (op. cit.) quando de sua estada na Bahia. Mas, ao final do romance, Dona Flor faz a sua escolha, ficando com os dois maridos, porque para ela, um complementaria o outro em todas as áreas de sua vida e, assim, ela se sente mais livre, podendo viver o amor *eros* com Vadinho e o *filos* com Teodoro.

Quanto ao romance de Calixthe Beyala, trata-se de um texto mais curto do que o do escritor brasileiro, ele tem dezessete pequenos capítulos e mais o prólogo e o epílogo. Nele se lê a história da senhorita Aïssatou, uma jovem de origem africana que vive em Paris e se apaixona por seu vizinho, o malinês Souleymane Bolobolo, um jovem solteiro que vive apenas com a sua mãe, uma mulher doente e idosa. Completamente apaixonada por Bolobolo, Aïssatou inicia uma luta pela conquista desse amor e, para isso, se utiliza de todas as estratégias que conhece, possíveis de aproximá-la da sua futura sogra, tratando-a com atenção e cuidados. No entanto, o seu principal objetivo é Bolobolo e, conseqüentemente, para seduzi-lo, ela lança mão dos conhecimentos de seus ancestrais, que se concentram na cozinha e, é nesse momento que o alimento vai ganhar toda força, enquanto fio condutor da narrativa, uma vez que as histórias são cheias de vapores e sensações

causadas por essas exóticas receitas gastronômicas originárias da África das ancestrais da protagonista.

Aïssatou consegue a sua conquista e ao final do romance, após a morte daquela que seria sua sogra, ela se casa com Bolobolo e são (quase) felizes para sempre. O advérbio quase é devido ao fato de esse marido ter alterado o seu comportamento após o casamento, tornando-se um verdadeiro exemplar de Vadinho, tendo muitas mulheres e deixando Aïssatou solitária em casa, apesar dos deliciosos pratos preparados para ele. Todavia, uma situação inesperada permite uma mudança na vida do casal e é mais uma vez esse jogo *gourmet* que aproxima os amantes tendo como instrumento o famoso "suco de gengibre", receita oferecida no final do epílogo. O que pode nos conduzir à leitura de que essa receita é a última estratégia da protagonista.

Portanto, podemos ressaltar que é a partir da mesa/ cozinha que essas duas mulheres Aïssatou e Dona Flor mostram-se como verdadeiras sedutoras, mais uma vez ratificando esse estereótipo do sujeito mulher, sujeito da traição e da sedução. Eis, certamente, um dos aspectos que nos fazem perceber o que diz Barthes (1970) ao se referir ao texto como um teatro onde se reúnem o texto, o seu produtor (nesta situação, os escritores) e o leitor. Neste caso, percebemos os participantes desta encenação, desde a leitura do título *CCMA* e pensamos, imediatamente, no romance de Jorge Amado *DFDM*, considerando-se que a mesa gastronômica é um elemento intenso nessas histórias.

No que concerne ao nível estrutural, os dois romances podem ser lidos como uma espécie de cursos de gastronomia. Nessa situação, pode-se notar o que afirma Kristeva ao asseverar que "a intertextualidade funciona como uma interação textual", pois em *CCMA*, no final de cada capítulo, a narradora nos oferece uma receita tradicional, passada das gerações mais antigas para jovem Aïssatou. E em *DFDM*, a receita está no início de cada capítulo, com pratos saborosos da culinária da Bahia, no que se infere uma tentativa de seduzir o leitor desde as primeiras páginas do romance.

Logo na primeira página dos dois romances, já é perceptível a presença da gastronomia e, em ambos os casos, os narradores apresentam o

alimento como uma necessidade humana relacionada a emoções. Aïssatou oferece o prato *Dolé de carne e camarão*, um prato capaz de “desvirtuar” um celibatário convicto, fazendo-o aceitar a presença de uma mulher em sua vida; e, na narrativa de *DFDM*, é o próprio narrador que oferece uma receita de *Bolo de Puba* e a transcreve, tal como a recebida da professora de arte culinária mais conhecida da cidade de Salvador que, segundo o narrador, a tal professora chamava-se Dona Flor (dona Florípedes). Mas, as aproximações nesses romances não estão apenas no nível estrutural, notamos, que enquanto personagens, ela também se aproximam. Entretanto, uma é a sedutora discreta, enquanto a outra está decidida a seduzir o seu amado, e muitos outros aspectos relacionados a essa temática são percebidos ao longo de toda a narrativa.

Considerações finais

No momento de concluir estas considerações, lembramos que nos romances *Comment cuisiner son mari à l'africaine* e *Dona Flor e seus dois maridos*, a literatura e a gastronomia realmente promovem o enlevo da alma, estimulando os sentimentos humanos. Ao longo da leitura *DFDM* e de *CCMA*, é possível sentir a literatura como um espaço para banquete em situações distintas. Esta história da literatura camaronesa apresenta as receitas culinárias como acesso à celebração tanto do lado orgânico, como do espiritual. Calixte Beyala, escritora camaronesa da nova geração, mostra-nos, desde o título, os laços bem estreitos entre a literatura e a nutrição e tudo isso é consolidado de uma maneira singular e até mesmo surpreendente. Esta perspectiva de igualdade é perceptível na história do brasileiro Jorge Amado.

São essas as cores particulares, os elementos intertextuais que podem favorecer as trocas interculturais, a partir das reflexões de Kristeva (1969) e de Barthes (1970), considerando-se, sobretudo, que tanto as paisagens dos romances, quanto os pratos produzidos pelas duas heroínas podem ser uma forma prazerosa de estimular diálogos entre culturas por leitores de países diferentes, porém, com similaridades evidentes, uma vez que há milhões de anos, o Brasil e o continente africano formavam o mesmo bloco continental

(PANGÉE, 2011). As concepções de amor apresentadas nos dois romances têm uma estreita relação entre a mesa e a arte da sedução. Assim, Aïssatou e Dona Flor, essas mulheres jovens, que seduzem pelo estômago, conferem aos romances um verdadeiro tratado sobre a arte de seduzir pelo estômago, uma de forma "bem comportada" e a outro como uma "feiticeira" com suas receitas ancestrais. O que confirma a citação do início deste texto: "La nourriture est synonyme de vie. Elle est peut-être l'unique source de paix et de réconciliation entre les hommes".

Essas observações são ratificadas com a assertiva de Tezza (2011), ao ressaltar que tudo pode ser recriado pela literatura – a história, a ciência, a informação, a ética, a religião, pois a literatura é um universo paralelo; em uma dimensão muito mais ampla do que seus limites originais, ela é capaz de mimetizar e transformar todas as linguagens do mundo sem se confundir com nenhuma delas. Por isso, observamos nos dois romances, aqui discutidos, a dimensão dessa *mimesis*, conduzindo o homem a ponderar sobre as verdades miméticas contidas nessa linguagem ao infinito, verdades essas que refletem e refratam as vontades de verdade presentes em nossa formação social.

Bibliografia

ALVES, Castro. **Vozes d'África**. Disponível em <<http://www.revista.agulha.nom.br/calves02.html>> Castro Alves São Paulo, acessado em 18 de abril de 2012.

AMADO, Jorge. **Dona Flor et ses deux maris : histoire morale, histoire d'amour**, trad. par Georgette Tavares-Bastos, Stock, Paris : 1972. 537p
_____. **Dona Flor e seus dois maridos**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras. 2008. 476p.

ARRIVÉ, Michel. **Les langages de Jarry**. Paris, 1972.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARTHES, Roland. **Littérature et discontinu**. Essais critiques. Paris: Ed. du Seuil, 1969.

- BASTIDE, Roger. **Les religions africaines au Brésil**. Paris. PUF, 1995.
- BEYALA, C. **Comment cuisiner son mari à l'africaine**. Paris : J'ai Lu. Éditions Albin Michel, 2000.
- CAMINHA, Pero Vaz. **Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei de Portugal**. Disponível em <<http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/carta.html>> Acessado em 24 de maio de 2011
- FOUCAULT, Michel. **O pensamento do exterior**. In: **Estética e pintura, música e cinema**. Trad.: Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001b. Coleção Ditos e Escritos vol. III.
- INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda et. al. (orgs.) **Memória e história na/da Análise do Discurso**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.
- KRISTEVA, J. **Recherche pour une sémanalyse**, Sémiotiké. Paris: Editons du Seuil, 1969.
- ROUAUD, Jean; LE BRIS, Michel. **Pour une littérature-Monde**. Gallimard: Paris, 2007.
- PANGÉE OU LA DERIVE DES CONTINENTS. Disponível em <www.ggl.ulaval.ca/.../bourques/s4/pangee>. Acessado em 24 de maio de 2011.
- TEZZA, Cristóvão. **Cristóvão Tezza fala sobre o processo de criação literária na Flit**. (2011). Disponível em <<http://www.secom.to.gov.br/noticia/2011/7/31/cristovao-tezza-fala-sobre-o-processo-de-criacao-literaria-na-flit/>>. Acessado em 22 de abril de 2012.